

“Iê, viva meu mestre”: Alguns aprendizados extraídos da Capoeira Angola

“Iê, live my master”: Some lessons learned from Capoeira Angola

Felipe Araujo Fernandes

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Grupo Angola Comunidade – Rio de Janeiro¹

Resumo: Este artigo busca trazer uma reflexão sobre o papel do mestre no processo educacional. Para isso, recorreremos aos ensinamentos presentes na Capoeira Angola na qual o mestre é uma figura central do processo de transmissão dos ensinamentos, de modo que as palavras aluno e discípulo não carregam o mesmo estigma que muitas vezes possuem nos espaços formais de educação, sobretudo aqueles ligados às ciências humanas e pedagógicas. Nosso objetivo, portanto, é revitalizar a figura do mestre e a relação mestre/discípulo, bem como pensar o papel da roda na Capoeira para criar um ambiente educacional propício para um aprendizado autônomo e emancipatório para os alunos.

Palavras-chave: Capoeira; Mestre; Discípulo; Educação.

Abstract: This article seeks to reflect on the role of the teacher in the educational process. For this, we will use the teachings present in Capoeira Angola in which the master is a central figure in the process of transmitting the teachings, so that the words student and disciple do not carry the same stigma that they often have in formal education spaces, especially those linked to human and pedagogical sciences. Our objective, therefore, is to revitalize the figure of the master and the master/disciple relationship, as well as to think about the role of the circle (“roda”) in Capoeira to create an educational environment conducive to autonomous and emancipatory learning for students.

Keywords: Capoeira; Teacher; Disciple; Education.

¹ Dedico esse trabalho ao meu mestre, Eudes Martins (Grupo Angola Comunidade), que cumpre um papel central no meu processo como aprendiz dessa arte que é a Capoeira Angola.

INTRODUÇÃO

Muitas vezes os educadores evitam as palavras “mestre”, “discípulo” e “aluno”, porque elas carregam um estigma, como se supostamente reproduzissem uma certa maneira de educar que castraria o educando, como se ele fosse uma “tábula rasa”, vazia de conhecimentos, habilidades e até autonomia. E, por outro lado, estes termos ergueriam a figura do professor a um patamar de único detentor do conhecimento, que iria “preencher” o educando com todo seu saber.

Se por um lado a recusa a esse modelo de educação castrador, embrutecedor e autoritário seja salutar. Por outro, percebemos que as vezes a “alavanca é puxada demais para o outro extremo”. Assim, se esvazia a figura do mestre e seu papel fundamental no processo educacional, reduzindo-o muitas vezes a um papel de mero “mediador” ou “facilitador”.

Nesse sentido, trazemos a figura do mestre a partir do ambiente educacional da Capoeira Angola, para refletir sobre o papel do educador. Para nós, a condição de “embrutecimento” que vemos na educação formal não se resolve reduzindo o papel do educador, mas, justamente ampliando a autonomia e a emancipação do aluno, tal como defende a base filosófica da Capoeira Angola. E, nesse sentido, o mestre cumpre um papel central, e deve ser defendido.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada será a análise e reflexão sobre obras teóricas que tratem sobre o tema do processo de transmissão da Capoeira, de modo que estes elementos conceituais sirvam de base para pensarmos a prática docente no ambiente da educação formal escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As artes marciais são um ambiente muito interessante de serem observados no que diz respeito a pensar quais elementos pedagógicos compõem a transmissão desses conhecimentos. Algumas dessas artes, inclusive, possuem muitos séculos de prática

pedagógica, sendo, por vezes, anteriores aos moldes de escola “ocidental” que temos hoje e que, por vezes, são consideradas “velhas” ou “antiquadas” por muitos educadores.

Este pequeno aspecto já seria muito interessante de ser estudado academicamente, pois contribuiria para pensarmos como as tradições milenares como, por exemplo, a chinesa produziu um método de transmissão de suas artes marciais (por exemplo, o Kung Fu) que ainda hoje são capazes de sobreviver.

Outro aspecto interessante de notar, quando pensamos as artes marciais, é como elas são capazes de ensinar aquilo que vai muito além de movimentos físicos como “chutes e socos”. É senso comum de que as artes marciais tradicionais ensinam muito mais que apenas defesa pessoal, mas, elementos ligados à vida, como disciplina, respeito aos mais velhos, perseverança, concentração, princípios éticos. Inclusive, muitos são os relatos de crianças e adolescentes que através da prática de artes marciais até se tornaram menos violentos ou mesmo se dedicaram mais aos estudos da escola formal. Afinal, como esses espaços ensinam coisas que mudam as vidas das pessoas? Que elementos presentes nesses espaços podem ser trazidos para a escola formal e quais são incompatíveis? Qual papel cumpre a figura do Mestre nesse processo educacional? Esses são alguns dos questionamentos que podem surgir se observamos um pouco mais de perto essas práticas.

Neste trabalho buscaremos alguns elementos da Capoeira Angola que, a nosso ver, podem contribuir sobremaneira para repensarmos a escola que temos hoje. E, mais que isso: não apenas repensar, mas transformar essa escola que temos em uma “nova escola”. E, para isso, não precisaremos “inventar a roda”, mas, justamente voltar para o passado e resgatar métodos pedagógicos que até podem ser considerados antigos, mas, que ainda atuam efetivamente nesses ambientes de aprendizado que são as “Escolas de Capoeira”.

O primeiro elemento da pedagogia presente no ensino da Capoeira Angola que queremos destacar é a figura do mestre. O mestre cumpre um papel central nessa pedagogia. Sem mestre, não há Capoeira Angola. Assim, como não há capoeira sem alunos, discípulos. Para esse conhecimento ser passado, é preciso um mestre, assim como é preciso um aprendiz. Mas, vale destacar que o papel do mestre não é apenas o de transmissor de um conhecimento, como se o aluno fosse um cofre onde o mestre deposita dinheiro, na lógica da educação bancária tão criticada por Paulo Freire.

Ensinar golpes, qualquer um pode ensinar. Há até os que aprendam esses golpes na internet, sobretudo no cenário de isolamento social em virtude da pandemia, no

qual as aulas remotas se ampliaram exponencialmente. Assim, até a capoeira que é uma prática totalmente presencial, relacional, se adaptou ao cenário que a realidade nos impôs.

Mas, ensinar capoeira não é apenas ensinar golpes. Não é também apenas ensinar a tocar instrumentos, como o pandeiro e o berimbau. Nem tão pouco é apenas ensinar datas, nomes e fatos históricos. Apesar de tudo isso ser ensinado em uma aula de Capoeira. Se ensinar Capoeira fosse apenas passar informações, o mestre já teria perdido sua função. E, a capoeira deixaria de ser o que é. Afinal, tudo isso está na internet. E o que não está, poderia ser aprendido praticando com amigos.

Isso ocorre porque ensinar não é apenas depositar conhecimento, como apontamos, por mais que destaquemos que são importantes esses conhecimentos e que devam, de fato, serem transmitidos. E isso serve para as escolas de artes marciais e para a educação escolar formal também. Sobretudo nos tempos de hoje em que os alunos têm excelentes ferramentas de acesso ao conhecimento, e em que o isolamento social afastou fisicamente educador e educandos.

É nesse sentido que o papel do mestre ganha destaque. Quando um mestre de Capoeira Angola está ensinando golpes, toques de instrumentos, músicas ou histórias, tudo isso são apenas dispositivos para trabalhar coisas muito mais profundas. Quando um mestre ensina a um aluno realizar golpes isso é apenas um dispositivo corporal que é utilizado para ensinar algo que é bem mais que um mero conhecimento. São muito comuns no ambiente da capoeira os termos Mandinga, Malandragem, Malícia, Malemolência. E como se ensina alguém a Malandragem, a malícia? Com certeza que não é memorizando fórmulas, datas ou mesmo golpes. Isso se aprende na prática, no jogo da capoeira. Mas, não adianta o mestre dizer “Seja malandro”. Isso seria inútil.

A única forma de alguém se tornar “malandro” (no sentido da capoeira) é quando ele lida por conta própria com situações que o impelem a usar toda sua capacidade criativa, sua perspicácia, sua esperteza. Ou seja, só se aprende a ser malandro sendo malandro. E isso leva tempo; anos, décadas. Leva-se uma vida inteira praticando e desenvolvendo essa habilidade.

E aí entra o papel do mestre. O mestre, como responsável pelo processo pedagógico do seu aluno, deve estar atento a ele, conhecer suas dificuldades e perícias, saber estimular cada potencialidade. Como orientador do aluno ele deve criar um ambiente propício para que o próprio aluno faça suas experiências e crie a solução para os problemas que se apresentam diante dele. Ou seja, não se ensina Malandragem, mas a malandrear.

Por isso é tão comum o mestre de capoeira fazer “pegadinhas” com o aluno. Essas “pegadinhas” são justamente o seu papel (FERNANDES, 2020). O mestre deve criar um ambiente (seguro) em que o aluno possa se testar, possa errar sem se machucar, possa dar soluções por si mesmo, possa tornar-se quem se é.

Quando o mestre dá uma rasteira no aluno o objetivo não é derrubar o aluno. Mas criar uma situação em que ele possa colocar em prática sua capacidade de resolver criativamente aquele problema. Ao tentar escapar da rasteira o aluno precisa mobilizar toda sua capacidade como artista marcial, precisa ser autônomo, confiar em si próprio e em tudo que tem de bagagem, adquiridas durante as aulas de Capoeira, e na ida como um todo. Inclusive, caso ele não consiga escapar da rasteira e caia, isso também será um aprendizado para ele, afinal, no mundo real, por vezes, “caímos”, ou seja, a dinâmica da realidade nem sempre corresponde a nossas expectativas. Cair também nos ensina a sermos malandros, nos ensina a estarmos mais atentos da próxima vez. Nos ensina que hoje caímos, mas, em seguida levantamos, e seguimos o jogo, porque o mundo está em movimento, dando voltas. Nos ensina o conceito de “Volta ao mundo”, tão importante na capoeira (FERNANDES, 2020). E na vida.

O jogo de capoeira é, desse modo, um ambiente “artificial” em que todos podem trabalhar suas habilidades artísticas, marciais e artístico-marciais. Por isso é tão comum pessoas que não são praticantes de capoeira acharem que ela é apenas uma dança ou se perguntarem porque os golpes nunca acertam. Isso ocorre porque o objetivo ali não é machucar seu “adversário”. Tampouco é fazer pontos para ganhar medalhas, como ocorre nos esportes de combate.

A Capoeira Angola é um jogo, no sentido de que é um ambiente de combate simbólico, portanto, seguro, o que permite nos desenvolvermos. Os golpes são apenas dispositivos corporais para desenvolver aprendizados muito mais profundos. Ou seja, são muito mais eficientes que a sala de aula formal, onde os dispositivos utilizados mobilizam muito pouco as potencialidades corporais, criativas e éticas do aluno.

Mas, podemos comparar com a escola formal, no sentido de que quando um professor de Matemática ensina uma fórmula, o mais importante ali não é que o aluno memorize ela. O mais importante não é nem chegar a resposta final do problema matemático, afinal, com a tecnologia de hoje deve já haver um aplicativo de celular que resolva a questão ou a resposta já deve estar “no Google”. O mais importante é justamente o conjunto de habilidades que ele precisa exercitar para chegar até a resposta final, como, memória, raciocínio, perseverança, concentração, entre tantas outras. Quem acha que o

que aprendemos na escola é inútil, que não vai ser usado nunca na vida, é porque está vendo o aprendizado como mero acúmulo de informações. Aí, de fato, quase tudo que aprendemos poderia ser considerado inútil. Porque na maior parte da vida não usaremos as fórmulas matemáticas que foram ensinadas no Ensino Médio.

Agora, se entendermos os movimentos que fazemos para chegar até aquela resposta e como esse processo nos desenvolve cognitivamente, intelectualmente, socialmente, etc, aí sim a aula de Matemática se torna “útil”. Mas, para desenvolver essas habilidades e competências precisamos obrigatoriamente lidar com os conteúdos. Por mais “inúteis” que eles possam parecer. Por isso o mestre é tão importante nesse processo. Por isso ele não pode ser apenas um “mediador” entre o aluno e o conhecimento. Não pode ser um mero “facilitador” para acumular novos conhecimentos. Se esse é nosso papel, aí, de fato, perdemos a briga, porque no mundo contemporâneo o conhecimento parece estar já facilmente acessível. O mediador virou o “Google”, o facilitador a “internet”.

Mas, apesar dessa enxurrada de informações que estão aos nossos dispor não está garantido que os estudantes conseguem manipular de forma eficaz as informações. Em verdade, as estatísticas têm provado que o analfabetismo funcional é muito grande, ou seja, os estudantes “sabem ler”, mas não são capazes de “digerir” as informações. Da mesma forma, vemos um “boom” de informações falsas que pipocam no mundo, e as redes sociais têm um papel central nessa dinâmica, porque as pessoas compartilham as “*fake news*” sem sequer verificar sua veracidade. Ou seja, mais uma vez se coloca a questão sobre os métodos de verificação das fontes que produzem e divulgam as informações e não apenas o acesso à informação. Se por um lado o acesso evoluiu, por outro, os mecanismos de verificação involuíram, ou foram secundarizados.

Novamente é nesse contexto que devemos trazer a figura do mestre. O mestre é aquele que orienta seus discípulos para que ele não seja apenas um robô que executa tarefas pré-estabelecidas. O mestre (o bom mestre, ao menos) estimula sempre a autonomia do seu aluno, a capacidade dele de andar com as próprias pernas, de tirar suas próprias conclusões, de descobrir por si mesmo, de inventar suas soluções. Esse processo é longo e contínuo, sobretudo quando é feito com crianças e adolescentes que ainda estão numa fase fundamental da formação de sua personalidade, caráter, convicções e filosofias de vida.

O bom mestre vai desenvolver habilidades e competências, em vez de apenas ofertar conhecimentos (como apontam os principais documentos e diretrizes educacionais). Contudo, isso será feito a partir dos conhecimentos. Esse é justamente o “perigo”, afinal, vivemos em uma sociedade pragmatista, utilitarista. Em que todos resultados têm que ser

imediatos e visam quase sempre o “sucesso financeiro”. Diante desse cenário capitalista, a escola, de fato, parece ser “perda de tempo”, inútil. Uma vez que o processo educativo é longo. Podemos dizer, inclusive, que ele nunca acaba, é incessante. Sempre estamos aprendendo, sempre o que sabemos é menos do que o que há a ser sabido.

Por isso na capoeira, sempre temos um mestre. Afinal, sempre seremos eternos alunos. Nunca é possível saber tudo da capoeira, uma vez que ela é viva, como a vida, logo, está sempre se modificando. Portanto, sempre teremos de aprender coisas novas, e reaprender coisas “velhas”.

Mais que isso: todo aluno é também de certa forma um mestre. Uma vez que quando chegar alguém mais novo ele irá ensinar ao mais novo o que aprendeu, afinal, já deu mais passos que aquele que acabou de chegar. E é justamente essa dinâmica que faz com que o legado dos mais velhos se perpetue. Só é possível que essa arte ancestral permaneça viva ainda hoje, apesar de toda perseguição das classes dominantes, do racismo, porque algumas pessoas aceitaram a missão de proteger os fundamentos dessa arte e transmiti-la para outras pessoas. Se os discípulos nunca virarem mestres, a arte morre. E quanto mais ensinamos, mais aprendemos, mais o aprendizado se torna significativo e com sentido.

Nesse aspecto a roda é tão importante na capoeira, porque ela firma esse ambiente de aprendizado constante e compartilhado, no qual o processo de aprendizado não é individualizado, como se fosse responsabilidade de cada aluno isoladamente. Em uma roda de Capoeira Angola há um ambiente de escuta ativa que é compartilhado por todos da roda, de modo que todos ali cumprem um papel no processo; o mestre conduzindo a roda, o cantador cantando as músicas, os componentes tocando os instrumentos, os dois jogadores jogando e toda a roda participando ativamente, seja cantando, batendo palma e observando os que estão jogando, bem com as mensagens passadas pelas ladainhas e cantigas cantadas. Ou seja, para que haja uma roda, é preciso que todos participem, de forma atenta e integrada.

Assim, embora a figura do mestre tenha um papel central, a sua autoridade não se transforma em um autoritarismo. Ele atua mais como um “maestro” que rege o ritmo da roda, de acordo com a dinâmica do próprio jogo que se constrói ali. Mas, nesse ambiente de escuta ativa compartilhada, todos aprendem. Não só quem está jogando, como quem está de fora vendo. Todos devem estar presentes, atentos, no processo educativo. Todos ensinam e aprendem, ao mesmo tempo. Obviamente que quem já tem mais experiência

nessa caminhada tem mais habilidade de criar um ambiente propício para que os mais novos possam aprender da forma mais proveitosa o possível.

Assim, a circularidade da roda de capoeira, não é apenas uma “imposição pedagógica” como muitas vezes ocorre na sala de aula; em que se faz a roda com o argumento de se criar um ambiente de “igualdade” entre professores e alunos, mas, na prática, o ambiente pode seguir sendo embrutecedor. Da mesma forma, como é possível haver uma aula que não se configure espacialmente em forma de círculo, mas o ambiente construído não busca uma hierarquia autoritária, onde a figura do professor é castradora e impositiva.

A roda na capoeira é bem mais que uma mera formalidade. Ela faz parte de uma forma de pensar as relações interpessoais que de certa forma rompe com a tradição ocidental de hierarquia autoritária. Nas tradições africanas (e indígenas) há uma hierarquia, que é respeitada com afincamento, mas, isso não implica necessariamente castrar os aprendizes, mas, justamente tratá-los como “maiores de idade”, como sujeitos responsáveis por suas ações. A roda é esse ambiente em que o aprendiz fica “de igual” para o mestre, respeitando sua posição de mestre, mas, ao mesmo tempo, se permitindo ser autônomo, autoral e legítimo. Podendo plasmar sua malandragem, sua malícia, sua capacidade artística.

Assim, a roda funciona como um “pequeno mundo”, em que o aluno aprende como lidar com os desafios que surgem. Assim, quando fora da roda da capoeira, na “roda da vida”, ele estará mais apto a lidar com os desafios que o “mundo grande” vai colocar diante dele. Ele percebe que o que ele aprendeu dentro da capoeira, foi bem mais que golpes, músicas e informações. Mas, aprendeu a lidar com a própria vida, com os problemas que a própria vida coloca diante dele. Aprendeu a ser um artista marcial, ou seja, aquele que criativamente enfrenta os problemas.

Tudo isso se perdeu na escola bancária, do mundo capitalista. É preciso “resgatar” esse papel do educador, enquanto mestre, e do aluno, como discípulo. Não para reproduzir uma hierarquia castradora e autoritária. Mas, para proteger aquilo de importante que as antigas gerações gastaram tanta energia para descobrir e inventar. Para não regredirmos a um cenário de atraso intelectual, científico e social. Proteger a figura do mestre não é defender o embrutecimento e a castração desse mundo em que vivemos, mas, pelo contrário, defender uma sociedade que acredita que as gerações futuras não precisam descobrir tudo de novo: que a terra é redonda, que vacinas funcionam e que devemos lutar por mais liberdade e não por mais opressão. As gerações futuras devem guardar os

conhecimentos e ferramentas que ajudaram a sociedade a evoluir, combater as que trouxeram atrasos e dor, e seguir na luta por uma sociedade justa e igualitária.

Obviamente que isso não se faz sozinho, mas em sociedade. Obvio também, que isso não é apenas responsabilidade da escola, é algo muito mais amplo. Porém, a educação tem um papel central em instrumentalizar os jovens para essa tarefa social. E, nesse sentido, temos muito a aprender com as artes marciais, sobretudo com a Capoeira Angola, que sempre lutou contra as opressões e injustiças. E que, apesar dos ataques que sofreu, conseguiu guardar suas práticas, filosofias e conceitos até hoje, e que podem ser muito proveitosos se observados com abertura e atenção. Como dizemos nas rodas de Capoeira: Iê, viva meu mestre!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos fazer uma reflexão crítica sobre um desdobramento possível sobre um certo esvaziamento do papel do mestre, apresentando esse conceito dentro do ambiente do papel do mestre na Capoeira Angola, e na sua “pedagogia”. E acreditamos ser possível aprofundar a reflexão de como é possível defender uma educação libertadora e livre, de modo que aumente a liberdade do aluno, sem diminuir a figura do mestre a mero “facilitador” ou “mediador”. Mais que isso; como a Capoeira Angola consegue construir um respeito profundo pela figura do mestre, como elemento central no processo pedagógico sem, com isso, fazer dos alunos meros robôs, como muitas vezes ocorre na escola formal capitalista, que trata os estudantes como máquinas numa linha de produção. Contra isso defendemos a autonomia do estudante, sua emancipação e que ele deve ser sujeito de suas descobertas, reflexões e invenções. Assim, para alcançar isso, buscamos ressaltar, o papel do mestre, da roda e da escuta ativa, que é o desenvolvimento de conceitos como o de Malandragem, dentro da Capoeira Angola.

Referências

CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. Capoeira angola: olhares e toques cruzados entre Historicidade e ancestralidade. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, v. 25, n. 2, p. 143-158, 2004. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/232>.. Acesso em: 05 jun. 2021.

CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor; SOBRINHO, José Sant'anna. Ensino da capoeira: por uma prática nagô. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, v. 23, n. 2, p. 89-103, 2002. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/272>. Acesso em: 05 jun. 2021.

FERNANDES, Felipe. Desafiando os problemas: um diálogo entre filosofia, educação e artes marciais. *Revista Ítaca*, n. 34, p. 145-170, 2019). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/28182/18355>. Acesso em: 04 jun. 2021.

FERNANDES, Felipe. Pensamentos em ginga: um diálogo entre filosofia, capoeira e educação. In: LACORTE, A. C.; SARAIA, M. F. (Org.). *Capoeira: pesquisas, relatos e vivências*. Rio de Janeiro: Mundo Contemporâneo, 2020, p. 63-72.

REGO, W. *Capoeira angola: um ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968.

VIERA, L. R. *O jogo de capoeira cultura popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

Recebido em: 6/8/2021

Aceito em: 30/8/2021

Publicado online em: 2/9/2021

